

CELEBRANDO O QUE O MUNDO TEM DE BOM - SEMEANDO SONHOS ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV ESPAÇOS NÃO - ESCOLARES

¹Flach, Débora Alana

²Kessler, Luana

³Frey, Kurlan

Resumo: O presente artigo engloba a reflexão referente à prática de Estágio Supervisionado em Espaços não Escolares, considerando nossa atuação na ala da Saúde Mental na Associação Hospitalar da cidade de Tunápolis, bem como o processo de formação docente proporcionado pelo espaço, tempo do estágio supervisionado. Considera-se sobre a essência do pedagogo na área da saúde mental sob um olhar pedagógico, entende-se que a área de atuação deste profissional caracteriza-se como princípio imprescindível na atualidade. Sendo assim, objetiva-se por meio deste artigo, desenvolver um olhar sobre a essência do pedagogo em espaço não-escolar, mais especificamente, na área da saúde mental. Por conseguinte, alicerçando a teoria e prática (ação e reflexão), pretende-se vislumbrar, discutir e refletir sobre como a importância deste profissional, e se este, está sendo reconhecido no ambiente hospitalar.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Espaços Não Escolares; Pedagogia Hospitalar; Saúde Mental.

Abstract: This article includes the reflection regarding the practice of Supervised Internship in Non-Schooling Environments, considering the performance in Mental Health at the Hospital Association of the city of Tunápolis, and the teacher training process provided by the supervised training. It is considered the essence of the pedagogue in the area of mental health under a pedagogical view, we understanding that the area of action of this professional is characterized as an essential principle currently. Therefore, it is wanted through this article to develop a look at the essence of the pedagogue in non-schooling environments, more specifically, in the area of mental health. So, based on theory and practice (action and reflection), it is intended to see, discuss and reflect on how the importance of this professional is being perceived and recognized in the middle of hospital contextualization.

Keywords: Supervised Internship; Non-Schooling Environments; Hospital Pedagogy; Mental Health; Happy Life.

INTRODUÇÃO

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário FAI de Itapiranga, 8º semestre, ano 2017. E-mail: debora_flach@hotmail.com;

² Acadêmica do Curso de Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário FAI de Itapiranga, 8º semestre, ano 2017. E-mail: kessler_luana@hotmail.com;

³ Professor do Curso de Graduação em Pedagogia do Centro Universitário FAI de Itapiranga. E-mail: kurlanfrey@yahoo.com.br.

Sabe-se que nos dias atuais, o espaço da saúde mental (ala psiquiátrica) sofre inúmeras exposições preconceituosas e julgamentos desnecessários, pois grande parte da população desconhece as singularidades que se fazem presentes neste espaço, bem como a amplitude de amor e dedicação a reeducação para vida.

Nesta perspectiva, considerando a experiência vivenciada, pode-se reafirmar a ideia de que o papel do profissional pedagogo vai muito além das quatro paredes da sala de aula, englobando inúmeros campos de atuação onde torna-se imprescindível seu olhar sensível, maduro, estratégico e “didaticamente único” em sua prática diária.

Sobre isso, parafraseamos Freire (2014, p.49), onde o mesmo refere-se ao pedagogo como agente de mudanças:

Como educadores progressistas, creio que temos a responsabilidade ética de revelar situações de opressão. Acredito que seja nosso dever criar meios de compreensão de realidades políticas e histórias que deem origem a possibilidades de mudança. Penso que seja nosso papel desenvolver métodos de trabalho que permitam aos oprimidos (as), pouco a pouco, revelarem sua própria realidade.

É sob este viés que desenvolvemos nossa prática, auxiliando, instigando e trabalhando em prol de pessoas que clamam por um olhar compreensivo e uma palavra de acalanto, demonstrando empatia. Acreditamos que o ser Pedagogo é justamente isso: trazer alegria e motivação, demonstrando a quem vive uma batalha intrínseca todos os dias, que a vida também goza de positividade para quem se dedica a conquistá-la. Para isso, optamos pelo seguinte tema: “Celebrando o que a vida tem de bom – Semeando sonhos”.

Nesta perspectiva, a prática pedagógica foi realizada com o grupo de pacientes que constituía ala da Saúde Mental na Associação Hospitalar da cidade de Tunápolis. Perante etapas que englobavam observação e prática, nosso engrandecimento pessoal e profissional atingiu patamares indescritíveis que nos motivam a dividir convosco está valorosa experiência.

Assim, o enfoque especial deste artigo subdivide-se em três pilares essenciais: Inicialmente apresentamos a relevância do tema e metodologia optada para a prática, descrevendo sob embasamento teórico. Seguidamente, buscamos discutir sobre os resultados obtidos a partir desta experiência (análise e reflexão), e por fim, trazemos um pensamento reflexivo sobre a importância do pedagogo em espaços não escolares.

CONHECENDO A IMPORTÂNCIA DO TEMA E METODOLOGIA OPTADOS

O primeiro passo que caracteriza essa desafiadora jornada refere-se à observação do grande grupo, uma vez que embasados nessa experiência, realizamos o planejamento da oficina.

Logo, diante dessa rica vivência, podemos absorver um pouco sobre como decorre a rotina desses pacientes, o que realizam no seu tempo ócio, o que aprendem, e qual a finalidade psiquiátrica de estarem nesse local.

Perante esse diagnóstico geral, iniciamos a construção do projeto de docência voltado para um viés que julgamos propício e de cunho auxiliar frente o público em questão, sempre respeitando o quadro clínico dos pacientes e suas referidas limitações. Dessa, diante da experiência observacional, foi possível delimitar a temática que seria bordada durante a prática.

Assim, pode-se destacar inúmeros motivos pelas quais celebrar o que a vida tem de bom é imprescindível para impulsionar a recuperação sadia e emancipatória dos pacientes. É trazer um novo ponto de vida, resgatar uma educação humanizada baseada num sonho possível, explanar sob um cunho lúdico e diversificado, a importância de olhar positivamente e com resiliência para adversidades da vida.

Neste viés, tendo em vista que nosso público se encontra em uma situação delicada de superação e sob um caráter desanimador perante a perspectiva de vida, perante a aplicabilidade e através do tema explanado, desvencilhamos a nuvem cinza que invade o intimo desses pacientes a cada dia e resgatamos/apresentamos os fatores que tornam a vida mais bonita, os motivos que fazem a cada um de nós levantar todos os dias da cama, sorrir e agradecer por abrimos os olhos. Essa é a essência que trazemos: Celebrar o que a vida tem de bom! Já descrevia sabiamente Assmann (2007, p.67): “Educar é ir criando continuamente novas condições iniciais que transformam todo o aspecto de possibilidades pela frente.”

Dessa forma, acreditamos que a aplicabilidade do tema desenvolvido condiz com o espaço na qual se desenrolou o presente estágio, tendo em vista que o pedagogo também explora, trabalha e auxilia a área hospitalar numa perspectiva humanística. Sobre isso descreve Wolf (2013, p.2):

A Pedagogia Hospitalar busca oferecer assessoria e atendimento emocional e humanístico tanto para o paciente (criança/jovem) como para o familiar (pai/mãe) que muitas vezes apresentam problemas de ordem psico/afetiva que podem prejudicar na adaptação no espaço hospitalar, mas de forma bem diferente do psicólogo.

Sendo assim, a prática do estágio sustentou-se sob um cunho motivacional, considerando nosso tema para com os pacientes e o envolvimento familiar proposto no desenvolvimento descrito em nossa oficina. A pedagogia compreende um amplo leque de contribuições para área hospitalar, mais especificamente para saúde mental, considerando sua formação profissionalmente humanizadora e enfática.

Dessa forma, na elaboração dos objetivos integrado ao planejamento da oficina, objetivávamos de um modo geral, demonstrar através de dinâmicas interativas e motivacionais que temos muito para celebrar enquanto seres que possuem vida, bem como vislumbrar o espetáculo de oportunidades que ela nos oferece quando lutamos pelos mesmos e nos superamos a cada novo dia, sempre desenvolvendo uma prática recheada de amor e dedicação em prol do melhoramento contínuo dos referidos pacientes, seres humanos.

Em consonância, dentre os objetivos específicos pretendia-se ainda: proporcionar um dia “diferente” e entusiasmante para o grupo de paciente; instigar a reflexão frente as experiências de vida na qual presenciam atualmente; motivar para uma nova perspectiva de vida, mais feliz e realizadora; compartilhar diálogos, sorrisos (sensações); apresentar o conceito de resiliência humana; incentivar momentos compartilhados com a família e amigos.

Sendo assim, através do tema escolhido, pretendia-se cumprir nosso papel enquanto profissional agente de mudanças, considerando o contexto o qual estávamos inseridas. Através da prática nesse espaço, buscamos despertar a sensibilidade para além da sala de aula e resgatar os princípios de autoestima, alegria de viver e empatia para com o próximo. Sobre isso, descreve Farias (2015, p.2):

Tendo em vista que o pedagogo também trabalha junto a usuários que, muitas vezes, são excluídos da sociedade devido ao seu sofrimento psíquico. Ele necessita estar aberto às mudanças ocorridas em ambientes não escolares, para assim poder desenvolver práticas socioculturais e atuar dentro de uma perspectiva de superação as desigualdades sociais (existentes na sociedade).

Nesta perspectiva, oportunizamos experiências agradáveis e positivamente impactantes aos pacientes, bem como a todo corpo de profissionais envolvidos e comprometidos com a saúde psíquica dessas pessoas. Sendo assim, a prática efetivou-se com base em um projeto previamente elaborado, englobando distintas metodologias e priorizando, acima de tudo, a vigilância que respeite o quadro clínico do público vigente. Neste viés, complementa Gomes (2012, p.10):

O pedagogo hospitalar no atendimento pedagógico deve ter seus olhos voltados para o todo, objetivando o aperfeiçoamento humano, construindo uma nova consciência em que a sensação, o sentimento, a integração e a razão cultural valorizem o indivíduo.

Sendo assim, a aplicabilidade decorreu com base em um planejamento construído através da observação. O mesmo fragmentou a prática do estágio sob formato de oficina que decorreu em dois dias distintos, com duas horas cada uma. Na aplicabilidade sentimo-nos ansiosas e apreensivas, justamente pelo fato de não sabermos qual o público que iríamos

encontrar/trabalhar, bem como a forma como os mesmos poderiam reagir frente essa situação, considerando que não estavam todos em tratamento com a mesma quantia de dias, alguns haviam adentrado recentemente. Ou seja, o quadro clínico dos pacientes não era homogêneo.

Em primeira instância trabalhamos com atividades que possuíam cunho motivacional e de autoconfiança para com os pacientes, alicerçando trabalho prático e teórico. No segundo momento, realizamos a oficina também com duas horas, no entanto, houve a participação dos familiares e modificação do cenário, afim de proporcionar um dia ‘diferente’ visando o fortalecimento dos laços interpessoais.

Em consonância, o planejamento da oficina foi acompanhando de um suporte teórico, o qual nos auxiliou no conhecimento sobre a ala da Saúde Mental, e sobre o papel/perfil do pedagogo neste espaço não escolar. No entanto, o entorno desta oficina centrado na prática, pois a mesma havia sido baseada em diversas atividades por meio de variados exercícios, sendo realizada, na maior parte do tempo em grupos.

PROFESSOR: ATUANTE SOMENTE NA SALA DE AULA, OU EM TODA SALA DA ALMA?

É sabido que a amplitude de atuação pedagógica veio se expandindo ao longo dos tempos. O profissional pedagogo não restringe mais sua atuação essencialmente as quatro paredes da sala de aula. Sua formação permite atuar em diversas áreas distintas, tal como: empresas, hospitais, campos administrativos, centros de reabilitação, entre outros. Sempre exercendo atividades distintas sob um cunho educativo, considerando as diversas contextualizações. Neste sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia (Resolução CNE/CP nº 1, de 15/05/2006) apontam:

O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos (*apud* FARIAS, 2015, p. 1-2).

Nesta perspectiva, é perceptível e torna-se cada vez mais evidente que os conhecimentos pedagógicos são necessários a toda esfera hospitalar, empresarial ou administrativa. Sabe-se que esse fato ainda não tornou-se comum aos olhos da sociedade, porém, a transdisciplinariedade ofertada por essa ‘mescla’ de profissionais no meio acadêmico, é imprescindível para a evolução do meio social. Sendo assim, conforme Assmann (2007), essa metodologia:

[...] não somente estabelece novas vinculações entre disciplinas técnicas e humanas, psicologia, lógica, matemática, engenharia, programação, mas se desenvolvem também novas combinações acadêmicas e profissionais formando equipes complexas de pesquisa em redes colaborativas (p.100).

Nesse sentido, em meio a essa ampla rede de atuação propícia ao pedagogo, destacamos a pedagogia hospitalar a qual refere-se o desenvolvimento do presente artigo. Está ainda vem conquistando seu espaço, no entanto, faz-se cada vez mais imprescindível na área pelo cunho lúdico, sensível e humanístico que carrega em suas entranhas. Assim, para compreender melhor a sua função, parafraseamos Wolf (2013, p.2):

Quanto à Pedagogia Hospitalar caberá: o efetivo envolvimento com o doente; modificação no ambiente em que está envolvido; modalidades de ação e intervenção; programas adaptados às capacidades e disponibilidades do enfermo.

Em suma, na perspectiva hospitalar o pedagogo assume o papel de agente transformador, que traz contribuições significativas sob inúmeros aspectos. Sua inserção pode-se dar em distintas formas e contextualizações, levando em conta demasiadas circunstâncias e fatores. Neste viés, complementa Wolf (2013, p.3):

A prática do pedagogo na Pedagogia Hospitalar poderá ocorrer em ações inseridas nos projetos e programas nas seguintes modalidades de cunho pedagógico e formativo: nas unidades de internação; na ala de recreação do hospital; para as crianças que necessitarem de estimulação essencial; com classe hospitalar de escolarização para continuidade dos estudos e também no atendimento ambulatorial.

Em consonância, o público na qual desenvolvemos a prática pedagógica refere-se a ala psiquiátrica que atende adultos. E tendo como base todas as experiências ministradas e vivências ao longo das 4 horas de aplicação, sentimo-nos imensamente gratas e realizadas. Através do diversos depoimentos e abraços de gratidão, permeia a certeza de que alcançamos nosso principal objetivo enquanto projeto: motivar para uma nova perspectiva de vida, mais feliz e realizadora, celebrando o que o mundo tem de bom sempre.

Ademais, objetivamos ver para além do corpo e tocar a alma, a fim de que o paciente pudesse revigorar suas forças e superar suas supostas limitações. A alegria de uma prática realizada com o coração, é exatamente esse: se surpreender, emocionar e quebrar os próprios paradigmas, alçando voo para possíveis novas áreas de atuação. Sair da zona de conforto é sinônimo de viver plenamente. Nesse sentido descreve Santos (2015, p.11):

A pedagogia hospitalar vê seu paciente além de seu corpo físico. Enxerga-o como ser humano capaz de superar, crescer e aprender cada dia mais. O trabalho do pedagogo auxilia os pacientes no hospital, bem como, introduz práticas de relacionamento, convivência e aprendizagens. Assim, pedagogo, médicos, pacientes, visitantes e pais estão unidos por um único objetivo: promover ao paciente o conhecimento e pleno desenvolvimento através de práticas e vivências, sempre agindo com amor, carinho, paciência e dedicação.

A referida citação confirmou-se através da nossa prática sob as diversas atividades desenvolvidas/aplicadas e sentidas com os pacientes. Contudo, uma dinâmica em especial revelou-se de imensa importância, tanto para nós estagiárias como para os pacientes que se entregaram ao momento em questão. A mesma nomeava-se de “Eu queria e eu quero”, mediada no primeiro dia da prática (somente com os pacientes).

Assim, ao solicitarmos que os mesmos escrevessem sobre seus ‘quereres’, podemos sentir cada um deles: suas emoções, aflições, alegrias, frustrações e objetivos, através da confiança que o vínculo do estágio nos possibilitou desenvolver e internalizar. Com muito sentimento mediado através de um intenso diálogo, aos poucos os pacientes foram abandonando a timidez e se entregando, trazendo emocionantes revelações. A partir disso, foi perceptível que atingimos com êxito alguns dos objetivos que nortearam a nossa prática, dentre eles podemos citar: instigar a reflexão frente as experiências de vida na qual presenciam atualmente, bem como apresentar o conceito de resiliência humana.

Portanto, através de mais essa experiência, foi possível confirmar a importância do amor, paciência, dedicação e olhar para além das aparências, afim de tocar e agregar positivamente a alma do ser humano. Sobre essa importância já enfatizava Jung (s.a.s.p): “Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.”

Ademais, ressalta-se que tratamos de um trabalho coletivo entre distintos profissionais que recriam diversas atividades em prol do melhoramento psíquico do público envolvido. Acima de qualquer coisa, considera-se que essa atuação só é possível através de valores de cunho humanístico, através da crença exaltada do poder de superação do homem. Refere-se a um sonho comum que ganha forma através do sentimento empático, amoroso e paciente.

Vivemos o que Paulo Freire chama de Pedagogia dos sonhos possíveis:

Sonhar é imaginar horizontes de possibilidade; sonhar coletivamente é assumir a luta pela construção das condições de possibilidade. A capacidade de sonhar coletivamente, quando assumida na opção pela vivência da radicalidade de um sonho comum, constitui atitude de formação que orienta-se não apenas por acreditar que as *situações-limite* podem ser modificadas, mas, fundamentalmente, por acreditar que essa mudança se constrói constante e coletivamente no exercício crítico de desvelamento dos *temas-problemas* sociais que as condicionam. O ato de sonhar

coletivamente, na dialética da denúncia e do anúncio e na assunção do compromisso com a construção dessa superação, carrega em si um importante potencial (trans) formador que produz e é produzido pelo *inédito-viável*, visto que o impossível se faz transitório na medida em que assumimos coletivamente a autoria dos *sonhos possíveis* (FREIRE, 2014, p.42).

Neste contexto, a pedagogia, o ser pedagogo é revitalizado a partir da ação humanizadora. Obtém-se a percepção de que o profissional pedagogo vai muito mais além da missão escolarizada, didática e essencialmente educativa. Aprendizagem não é somente saber ler e escrever, é saber administrar as emoções, exaltar as potencialidades e lapidar as frustrações em prol do melhoramento contínuo. Já dizia Gomes (2012, p. 5): “O aprender é mais que acumular conteúdos, é desenvolver habilidades e competências que potencializam as experiências para que sirvam de referências construtivas.”

É neste viés que desenvolvemos e mediamos a prática pedagógica, trazendo referenciais teóricos a fim de proporcionar uma singela mudança cognitiva, afetiva e emocional nestes pacientes. Dois exemplares que evidenciam a prática na perspectiva motivacional e humanística é a “Caixa surpresa”, na qual os pacientes foram desafiados a enfrentar seus medos pelo incerto, bem como a atividade nomeada de “Que mensagem nos trouxe a música?”, na qual refletimos e dialogamos sobre o lema de superação que muitas canções trazem para nossa vida.

Diante disso, foi perceptível observar que ambas atividades desenvolvidas, convidavam os pacientes a dialogar e interagir em grande grupo, estimulando valores de ajuda mútua e ideias compartilhadas, o que lhes trazia mais segurança e potencial para envolver-se e absorver o cunho educativo que englobava as referidas dinâmicas. Sobre essa importância, descreve Gauthier (2013, p. 210): “Os professores motivam e estimulam seus alunos a aprenderem, se lhes fornecem ocasiões para interagir entre si.”

Sendo assim, a missão do pedagogo não se limita apenas em mediar conteúdos, mas sonhar e acreditar juntamente com os alunos/pacientes/funcionários sob uma visão mais otimista e feliz sobre o futuro que nos espera. Considerando o público da referente prática, é olhar com carinho e esperança para dias possivelmente mais realizadores, em harmonia com os pacientes que estão passando por essa fase da “metamorfose existencial”. Sobre essa importância, descreve Cury (2004, p.49): “É possível destruir o sonho de um ser humano quando ele sonha para si, mas é impossível destruir seu sonho quando ele sonha para os outros, a não ser que lhe tirem a vida.”

De um modo geral, as instituições hospitalares tendem a remeter algum trauma ou remorso para algumas pessoas. Quem nunca via alguém dizer: “Ah, eu odeio hospitais!” Isso é sinônimo de algum sofrimento que a pessoa viveu nesse espaço, resquícios de frustração e

perda. Neste viés, a pedagogia traz um cunho diferenciado e motivacional. Em confirmação, trazemos Fonseca apud Gomes (2012, p.4), que destaca:

As relações de aprendizagem numa Classe Hospitalar são injeções de ânimo, remédio contra os sentimentos de abandono e isolamento, infusão de coragem, instilação de confiança ao progresso e às capacidades da criança ou adolescente hospitalizado.

Essa situação é similar com todo e qualquer público humano: tanto com as crianças, como jovens e adultos. É inevitável que o isolamento clínico para tratamento da saúde mental causa um sentimento de retraimento e/ou solidão aos pacientes. No entanto, esse é estritamente necessário para recuperação sadia dos mesmos. Contudo, as motivações/interações externas sempre podem desenvolver um viés positivo, ocupando o tempo ócio e proporcionando o aspecto interpessoal e motivacional, sempre respeitando o quadro clínico dos pacientes em questão. É preciso impulsionar o referido público a usar as adversidades do presente como trampolim para um futuro melhor e mais promissor. Sobre essa importância de despertar a resiliência humana, descreve sabiamente Cury (2004, p. 18):

A maior genialidade não é aquela que vem da carga genética nem a que é produzida pela cultura acadêmica, mas a que é construída nos vales dos medos, no deserto das dificuldades, nos invernos da existência, no mercado dos desafios. Muitos sonhadores desenvolveram áreas nobres da sua inteligência, áreas que todos têm condições de desenvolver. Eles atravessaram turbulências quase que insuportáveis. Suportaram pressões que poucos tolerariam. Viveram dias ansiosos, sentiram-se pequenos diante dos obstáculos. [...] Mas não desistiram, quais foram os seus segredos? [...] Eles foram amigos do otimismo, fizeram escolhas, traçaram metas e as executaram com *paciência*.

Dessa forma, torna-se pertinente compartilhar um momento significativo em nossa segunda instância da prática, onde tivemos uma positiva surpresa em relação ao convite realizado solicitando a presença dos familiares para um possível momento de recreação compartilhada, incrivelmente felizes e ao mesmo tempo preocupadas, recebemos o maior número de visitas registrado até o presente momento na instituição hospitalar. Os profissionais que trabalham rotineiramente no referido espaço ficaram surpresos, nós enquanto estagiárias nos assustamos de primeiro momento, porém, flexibilizamos o planejamento, abraçamos o desafio e sorrimos para a possibilidade de tocar a alma humana daquelas pessoas, ou seja, atingir o nosso verdadeiro objetivo de sensibilização.

Apesar da preocupação no primeiro momento, fizemos o possível para acolher o público de forma prazerosa e fazer daquela tarde um momento único para pacientes e familiares. O resultado não poderia ter sido melhor: em meio a dinâmicas de cooperação, conversas de motivação, compartilhamento de sonhos e troca de mensagens entre família e paciente... na

dualidade de lágrimas e sorrisos, o nosso café familiar foi um grande sucesso! Houve um engrandecimento profissional e pessoal imensamente amplo sobre todos os atores sociais que ali se faziam presentes.

Diante do espaço que em primeira instância parecia reduzido, preenchamos de energia compartilhada e o ampliou-se, diante das falas que pareciam insuficientes, agarramos a persistência dos pacientes e dialogamos, diante do que parecia minúsculo e frágil, tornou-se suficiente e único em meio ao sentimento, amor e brilho no olhar daqueles que ali estavam e fizeram o tempo parar por segundos enquanto abraçavam as pessoas que amam. Assim, pode-se confirmar que atingimos mais alguns dos objetivos de nosso projeto: proporcionar um dia diferente e marcante para os pacientes, compartilhando momentos significativos com amigos e família através de diálogos, sorrisos e distintas sensações que impulsionam os mesmos a se tornarem pessoas melhores.

Portanto, torna-se fundamental reconhecer, que independentemente das circunstâncias, o planejamento flexível deve acompanhar o professor em seu planejamento e atuação. Determinada situação inimaginável pôs em prova nossa capacidade de flexibilização, adaptação e superação, enquanto profissionais e pessoas. Em consonância a isso, descreve sabiamente Gauthier (2013, p. 207):

Os bons planejamentos se caracterizam pela minúcia, mas também pela flexibilidade. Isso permite que os professores permaneçam sensíveis às necessidades que os alunos possam externar. A identificação dessas necessidades passa por um conhecimento cada vez maior dos alunos pelos professores que reúnem muitas informações a respeito deles.

Diante disso, foi possível reforçar a quebra de paradigmas, na qual o senso comum prega: pedagogos são aptos a lecionar apenas em sala de aula. Com base nas experiências anteriormente citadas, é perceptível que podem ir além, enxergar o paciente de forma íntegra, como ser humano que possui potencial para se superar quantas vezes for necessário, e tornar se autor de sua própria história. É contribuir individualmente pensando no bem-estar coletivo/social.

O ofício do professor hospitalar apresenta diversas interfaces (políticas, pedagógicas, psicológicas, sociais, ideológicas), mas nenhuma delas é tão constante quanto a da disponibilidade de se estar com o outro e para o outro. Torna-se menos sofrido enfrentar a hospitalização se tiver alguém para contar como uma escuta atenciosa, sem eco, uma escuta que brota de um diálogo, que é à base de toda a educação. O trabalho do professor hospitalar é muito importante, pois atende as necessidades psicológicas e sociais pedagógicas das crianças/adolescentes. Ele precisa ter sensibilidade, compreensão, força de vontade, criatividade, persistência e muita paciência para atingir seus objetivos (GUIMARÃES apud GOMES, 2012, p.10).

Portanto, entende-se que existem muitos protótipos a se desmistificar sobre o espaço da saúde mental, na qual o profissional pedagogo tem a competência de exercer e mediar suas potencialidades em prol de desencadear mudanças socioeducativas. Uma vez que, “por meio desta modalidade de ensino, podemos compreender um espaço de novas alternativas educacionais. Ela possibilita um comprometimento político-pedagógico e fortalece a competência profissional do pedagogo”(p.11).

Contudo, é perceptível que ainda existem poucos esclarecimentos e orientações sobre a atuação do profissional pedagogo nestes espaços considerados não-escolares. Sendo assim, os profissionais procuram, através de sua independência e autonomia intelectual, buscar informações e aperfeiçoamentos afim de orientar a sua prática. Sobre isso também descreve com sensibilidade Gomes (2012, p.10):

Até então os professores tem sido seus próprios pesquisadores: das suas ações e mediadores das suas próprias propostas, surgidas das demandas desse complexo e diverso universo que é o hospital. [...] O pedagogo em sua maioria tem desempenhado sua auto formação. São conhecimentos específicos alcançados pela busca constante de atualização e aperfeiçoamento à prática pedagógica para este contexto.

Concluindo, fica evidente que o nosso grau de formação teórico e prático necessita ser cada vez mais amplo para lidar com os distintos contextos que permitem nossa atuação. Flexibilidade, respeito, autonomia e responsabilidade são valores indispensáveis para essa e qualquer outra profissão, afim de conquistar sempre mais espaço e continuar influenciando a vida das pessoas positivamente.

CONSIDERAÇÕES

Diante das considerações expostas, finalizamos essa experiência de forma imensurável: indescritivelmente felizes e realizadas. Intensidade é o termo que define cada sentimento que nos acompanhou ao longo dessa jornada. Intensidade de tensões, desafios, surpresas, superações, alegrias, emoções e crescimento. Muito crescimento, que está intimamente ligado à nossa forma de ver e sentir o mundo, através da maturidade emocional e profissional que nos proporcionou determinada experiência.

Sair da zona de conforto é explorar novos patamares de trabalho, de estudo, de Vida! Acima de qualquer coisa, o presente estágio nos ensinou a vislumbrar a vida com outros olhos, nos ensinou a reclamar menos, a agradecer mais e sempre olhar com ternura para o próximo, tendo em vista que cada um de nós vive uma batalha intrínseca que deve ser respeitada e reconhecida. Logo, o que nos torna ‘grandes’ seres humanos é o poder de empatia, que se

aprimora diante de experiências como estas. Sobre essa importância, escreve Goleman (2012, p.87-88):

A capacidade essencial na consciência social é a empatia – sentir o que os outros estão pensando e sentindo, sem que eles nos digam em palavras.[...] Empatia é a peça de edificação essencial para a compaixão. Temos que sentir o que a outra pessoa está sentindo, de modo a despertar a compaixão em nós.

Neste viés, torna-se perceptível a amplitude de valores que se fizeram presentes e foram lapidando-se a cada nova palavra trocada, vivência compartilhada, dores divididas, lágrimas derramadas e sorrisos proporcionados. Somos resultado de tudo que permitimos nos afetar, e conseqüentemente, tudo o que passa por nós, tende a nos transformar. O estágio supervisionado é a prova de grandes transformações que hoje nos tornam seres maiores e melhor. Neste viés, dialoga Rios (2001 *apud* BARREIRO, 2006, p. 78):

É na prática do profissional que se mostram suas capacidades, que se exercitam suas possibilidades, que se atualizam suas potencialidades. É no fazer que se revela o domínio dos saberes e o compromisso com o que é necessário, concretamente, e que se qualifica como bom – por que e para quem.

Portanto, a palavra que predomina é gratidão! Pelos aprendizados, pelas experiências, pelo momento e pela oportunidade a nós concedida: ao conhecer essas pessoas e permitir que nós pudéssemos causar um efeito positivo em suas vidas, através do que nós buscamos em nossa formação quando adentramos em sala de aula 5 noites por semana. É sobre fazer educação e espalhar a compaixão, compreendendo que o pedagogo não atua apenas em sala de aula, mas em toda SALA DA ALMA.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo;BOFF, Leonardo. **Reencantar a educação**: Rumo à sociedade aprendente. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007

AQUINO, Soraia Lourenço de; SARAIVA, Ana Cláudia Lopes Chequer; BRAÚNA, Rita de Cássia de Alcântara. **Representações sociais da atuação do pedagogo na saúde**: saberes envolvidos e experiências compartilhadas. Interfaces da Educ., Paranaíba, v.3, n.7, p.128-145, 2012. ISSN2177-7691

BARREIRA, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BROTTO, Fábio. **Jogos Cooperativos: O Jogo e o Esporte como um exercício de convivência.** São Paulo: Editora Projeto Cooperação, 2001.

CURY, AUGUSTO. **Nunca desista de seus sonhos.** Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
FONSECA, Eneida Simões da. **Educador de plantão:** aulas em hospitais asseguram continuidade dos estudos e desempenham papel fundamental na recuperação de alunos internados. Revista Educação, Ano 6, n.71, p.1822, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos possíveis.** 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GOLEMAN, Daniel. **O cérebro e a inteligência emocional:** novas perspectivas. Traduzido por: Carlos Leite da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva: 2002.

GOMES, Janaína Oliveira; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **Pedagogia Hospitalar:** A relevância da inserção do ambiente escolar na vida da criança hospitalizada. Disponível em <<http://docs.uninove.br/artefac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Janaina.pdf>> Acesso em 15 de março de 2017.

Mais conteúdo. Disponível em <<https://blog.mais.im/dinamicas-de-motivacao-para-suaequipe/>> Acesso em 22 de março de 2017.

Portal IBC. José Roberto Marques. **Dinâmicas de motivação em grupo.** Disponível em <<http://www.ibccoaching.com.br/portallideranca-e-motivacao/dinamica-motivacionalgrupo/>> Acesso em 17 de março de 2017.

STORI, Noberto. **O despertar da sensibilidade na educação.** São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie: Cultura Acadêmica Editora, 2003.

Um toque de motivação. Disponível em <<https://umtoquedemotivacao.wordpress.com/2008/02/07/dinamica-diversas-ii/>> Acesso em 30 de março de 2017.

WOLF, Rosângela Abreu do Prado. **O pedagogo em contexto hospitalar:** uma prática universitária extensionista. Disponível em <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/12231_6576.pdf> Acesso em 30 de março de 2017.